



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12847 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT13 - Educação Fundamental

Ser-na-roça: narrar a vida e os modos de existência na roça

Charles Maycon de Almeida Mota - UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Ser-na-roça: narrar a vida e os modos de existência na roça

Resumo: O presente estudo buscou compreender como professores e professoras que atuam em escolas da roça constituem a presentificação do ser-na-roça para significar sua existência a partir da ruralidade da presença e produzem experiências de ser-docente numa perspectiva do ser-mais que habita espaços rurais. O método utilizado foi a Pesquisa Narrativa, com ênfase no movimento biográfico-narrativo, associada à abordagem qualitativa e ancorada nas bases da fenomenologia e da hermenêutica. Os dispositivos de pesquisa foram as entrevistas narrativas e das etnografias na roça. Conclui-se que ser-na-roça possibilita a (re)significação do rural habitado que enaltece seus modos de ser e viver na roça conforme as formas de seu demorar-se junto às coisas e ao lugar.

Palavras-chave: Ruralidade da presença. Ser-na-roça. Pesquisa Narrativa. Docência na roça.

Introdução

Os movimentos dos grupos minoritários, entre eles as pessoas que vivem em territórios rurais, produziram diferentes modos de vida a partir do entendimento de que é possível reconfigurar o nosso ser-no-mundo (HEIDEGGER, 2015) diante dos movimentos de intersubjetividade e subjetivação que cada um de nós vai fazendo no encontro com o outro e com os espaços em que vivemos. Tais movimentos possibilitaram a esses grupos repensarem suas condições de estar no mundo e fazer inferências em suas realidades, questionando as estruturas de poder que permeavam seus espaços de vivência e, na maioria das vezes, os subalternizavam de forma desumana.

O presente texto representa um recorte de uma pesquisa desenvolvida no processo de doutoramento [1], tendo como questões da pesquisa as seguintes: Como professores/as que atuam em escolas da roça constituem a presentificação do ser-na-roça para significar sua existência? Como professores/as de escolas da roça produzem experiências de ser-docente numa perspectiva do ser-mais que habita espaços rurais?

Nesse sentido, apresento uma discussão sobre a docência no Ensino Fundamental em escolas da roça [2], tomando a perspectiva da ruralidade da presença [3] como mote para discutir como o movimento de habitar a roça na profissão docente se dá, visto que há uma especificidade em desenvolver a profissão docente quando consideramos o habitar a roça como forma própria que cada pessoa produz para significar seu ser-no-mundo.

Enveredamentos metodológicos

Utilizei a Pesquisa Narrativa como método, tendo como perspectiva o movimento biográfico-narrativo, associada à abordagem qualitativa, estando ancorado nas bases da fenomenologia e da hermenêutica, por buscar compreender o ser em seu contexto de vida e a partir dos sentidos que atribuí à sua condição de existir em contextos rurais. Tomo como dispositivos de pesquisa as entrevistas narrativas e as etnografias na roça, instituindo como processo de análise das narrativas a proposta interpretativo-compreensiva pelas condições de compreender o que narram professores e professoras de escolas da roça, levando em conta seus contextos de vida.

A pesquisa foi desenvolvida em dois momentos. O primeiro momento se configurou com o mapeamento das pesquisas nos bancos de Teses e Dissertações IBCIT e CAPES intentando para o movimento de etnografar ruralidades (AUTOR, ANO). O segundo momento compreende a realização de entrevistas narrativas e etnografias da roça. A utilização das entrevistas narrativas e etnografias da roça, como dispositivos de pesquisa, possibilitaram pensar as experiências a partir de uma proposição da autobioformação como oportunidade de descentralização das narrativas da base do escrito, dando oportunidade para outras maneiras de narrar a vida e considerar as realidades dessa vida.

O desafio foi pensar a possibilidade de realizar a pesquisa narrativa em escolas rurais numa perspectiva que desencadeasse a constituição de uma etnografia da presença fundada na proposição das ruralidades da presença, em que os/as docentes narradores/as e os contextos da roça foram tomados ontologicamente. A produção e a recolha das narrativas como abertura para o ser, realizei um estudo com base hermenêutica fenomenológica (GADAMER, 2013), adotando uma centralidade no processo de formação docente calcado na vertente compreensiva-interpretativa (RICOEUR, 2010).

Os/as docentes narradores/as ^[4] que participaram da pesquisa foram duas professoras e dois professores que atuam no Ensino Fundamental das escolas da roça. Cabe ressaltar que Os codinomes surgem a partir da inspiração na poesia de Manoel de Barros (2009) e faz referência a um pássaro de tamanho médio, sendo do grupo dos falcões. Seu canto é tomado como inspiração para muitas lendas folclóricas de nossa região e de outros lugares do país.

Modos de viver e narrar as existencialidades na roça

Ser da roça sempre esteve associado a carregar consigo estigmas e preconceitos ao buscar acessar espaços urbanos na garantia de direitos e serviços que não chagavam nos espaços rurais, como fica evidente na narrativa do professor Sebastião-Acauã ao relatar sobre situações vivenciadas nos espaços urbanos:

Eu me lembro que por eu ser de Nova Esperança eu sofria. Tipo assim, eu era discriminado. Eu me senti discriminado por ser, digamos da zona rural. Eu sofri algum tipo de discriminação de preconceito. Hoje bullying. Na verdade eu tinha a minha cabeça sempre levantada, digamos assim, não baixava minha cabeça pra pouca coisa porque eu via que era minoria também na sala que me tratava assim. Depois, com o tempo fui conquistando essas pessoas e hoje somos amigos. (Sebastião-Acauã, Entrevista narrativa, 2020)

A superação da situação que provocava a discriminação de estudantes que habitam espaços rurais quando estes adentravam o espaço da escola na cidade é uma realidade perversa que é resultado de construções ideológicas fundamentadas por concepções binárias e entendimento de que a roça e todo território rural está para servir ao urbano, sendo desconsiderados os diversos modos de ser e habitar este lugar. É importante reconhecer os sentidos de existir na roça para afirmar-se em outros espaços conforme o jeito de ser e seu lugar de origem. Isso se coloca como uma possibilidade de assumir uma vida autêntica e reunir condições que possam representar a importância dos sentidos que as pessoas da roça produzem para resistirem a processos de exclusão e invisibilidade por serem da roça.

A professora Damiana-Acauã evidencia em sua narrativa essas demarcações que existem nos espaços de formação de professores/as, mencionando como isso teve uma representação negativa e de silenciamento, trazendo à tona as intencionalidades de uma formação docente parametrizada no binarismo e em concepções dos grupos hegemônicos:

Sou tímida, nas formações que têm eu não falo nada, não é porque não sei,

mas me dê um papel para eu escrever para ver, ali eu sei tudo o que fazer. Eu não sou de falar porque já fui podada demais, sabe aquela história de que não sabe nada. Você dá uma resposta, você fica olhando e quem foi que falou foi uma pessoa com aquela roupa e aquele salto. Eu peguei aquele trauma e não sei, aquilo ali criou um bloqueio, eu participo de reunião do sindicato, eu entendo tudo. Percebo tudo, mas não falo nada porque já falei muito e não teve valor, são 40 anos, eu comecei em 80, são 40 anos na sala de aula e me sinto bem assim. (Damiana-Acauã, Entrevista narrativa, 2020)

Compreendo que os processos formativos de docentes de escolas rurais sempre estiveram relacionados aos movimentos de inferiorização do lugar, centrando-se marcadamente nos fundamentos sustentados pelo ideário de que o rural poderia ser tomado somente como espaço de exploração e de condições precarizadas, instituindo para as pessoas da roça imposições ideológicas que reforçassem sua condição de inferioridade e de seu espaço de vida. Conforme a narrativa da professora Damiana-Acauã, entendo que professores/as da roça precisam lidar constantemente com processos que, sorrateiramente, demarcam a manutenção de invisibilizações por ser da roça e desenvolver a docência neste lugar, confrontando-se com situações inóspitas, em que o preconceito e a discriminação estão velados o tempo inteiro.

Ao longo dos tempos criou-se uma sobrecarga de sentidos pejorativos para a expressão “ser da roça” que, muitas vezes, tem sido utilizada como maneira de demonstrar uma certa inferiorização quanto ao lugar que habitamos. A roça significa para nós, que vivemos em áreas rurais, às margens das estradas de chão de terra batida na região do sertão nordestino, no interior da Bahia-Brasil, um espaço habitado e, conforme as proposições de Heidegger (1991), esse espaço habitado é o mundo que podemos construir. Cada pessoa da roça vai se fazendo morada do ser conforme seus modos de existencialidade e transcendência, decorrentes de como compreende o lugar e sua relação com ele, como estão evidenciadas na narrativa da professora Di-Acauã, as produções e experiências de habitar a roça:

Morar na roça me proporciona hábitos alimentares mais saudáveis, por a gente incluir na nossa dieta mais frutas, legumes, proteínas, laticínios produzidos aqui mesmos e de boa qualidade sem agrotóxicos. Usamos tudo orgânico, então a manteiga, requeijão, leite, hortaliças, carne e ovos, são produzidos aqui mesmo na nossa roça, assim o custo de vida se torna mais barato. Aqui na roça também a gente confecciona alguns objetos, a vassoura mesmo eu não compro, a vassoura para varrer o quintal, faço com a palha do Licuri. Então a vassoura para mim não tem custo nenhum, e alguns objetos também como esteira, o bocapiu. Eu faço o seguinte, aqui eu tenho a matéria-prima que é o ariri e eu tenho mães de alunos meus que são artesãs, elas fazem o bocapiu, a esteira, o chapéu, então elas vem aqui para minha roça pegam a matéria-prima em grande quantidade, elas fabricam para elas e me dão como pago pela palha uma esteira, um bocapiu, o chapéu e assim eu não compro. (Di-Acauã, Entrevista narrativa, 2020)

O ser-na-roça da professora Di-Acauã vai sendo desvelado conforme as experiências com seu envolvimento na roça, desencadeadas a partir dos modos de ver, sentir, fazer e pensar seu espaço de vida numa presencialidade do produzir e cultivar as coisas do lugar e, com isso, construir o rural habitado poeticamente ao eleger sentidos e significados que representam as condições de sua existencialidade na roça. De acordo com a narrativa apresentada por Di-Acauã, percebo que a ruralidade da presença que institui seu ser-na-roça possibilita a (re)significação do rural habitado que enaltece seus modos de ser e viver na roça conforme as formas de seu demorar-se junto às coisas e ao lugar.

O professor Geni-Acauã traz à tona em sua narrativa a importância das relações intersubjetivas que são construídas a partir das conversas em sala de aula e em outros espaços da comunidade como elemento de potência para lidar com as situações de vida no lugar e disso instituírem sentidos e significados para habitar a roça:

E aí você conversa com eles que tanto na escola como também no diálogo aqui na praça ou em qualquer lugar, que o planeta terra com uma população que vive em qualquer um desses lugares, no que se refere ao contexto geográfico, o primeiro fator de convivência é as pessoas buscarem entender o clima, seja o clima chuvoso, equatorial, seja um deserto, um clima semiárido como o nosso, seja litorâneo, tropical ou subtropical. Enfim, seja num clima frio, então as pessoas têm que primeiro aprender sobre o clima, ele é fundamental para a convivência, principalmente para quem trabalha na área do campo. (Geni-Acauã, entrevista narrativa, 2020)

É do entendimento sobre a convivência em espaços rurais a partir do conhecimento da área na docência que professores/as da roça produzem as condições de formar e formar-se com as relações produzidas em seus espaços de vida, tomando os processos de intersubjetividades como desvelamento do ser-na-roça centrados na ruralidade da presença, evidenciando experiências do ser-docente como mote para compreender e a si mesmo a partir de suas existências no lugar, sendo esses movimentos desencadeados a partir dos processos de intersubjetividades que são instituídos na ruralidade da presença.

Enveredamentos finais

Busquei construir uma discussão sobre os espaços rurais para compreender como esta *ruralidade da presença* vai se constituindo a partir dos sentidos que professores/as da roça vão produzindo sobre si mesmos, estruturação da dimensão ser-na-roça como elemento de sentido que possa traduzir essa ruralidade da presença. É então a presentificação, como uma ação que se constitui de modo perene neste *ser-na-roça*, lugar habitado que se constitui cotidianamente pelos movimentos dessa ruralidade que os sujeitos vivem.

A terminologia *ser-na-roça* abarca aqui dois sentidos: um que pode ser considerado como amplo e coletivo, englobando uma dimensionalidade do espaço da vida, lugar habitado onde são produzidos os modos resultantes dos movimentos da intersubjetividade. E outro diz respeito a algo mais íntimo e próprio de cada sujeito, podendo ser compreendido como uma constituição de interioridade desencadeada a partir da produção da subjetividade desse sujeito para significar seus modos de viver e fazer na roça. Estes dois sentidos embutidos no *ser-na-roça* são condições necessárias para que a presentificação do ser seja um constitutivo para uma hermenêutica de si, de modo que a presença seja uma possibilidade de conhecimento do lugar habitado e das significações que o sujeito que vive na roça vai dando à sua existencialidade neste lugar.

Referências

BARROS, Manoel de. Tratado geral das grandezas do ínfimo. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

GADAMER, Hans-Georg. Verdade e método I. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

HEIDEGGER, Martin. Conferências e escritos filosóficos. Tradução e notas Ernildo Stein. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Tradução revisada Marcia Sá Cavalcante Schuback; Posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

AUTOR

RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa: a configuração do tempo na narrativa de ficção. Tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar. v. 2. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

[1] Pesquisa intitulada XXXX (AUTOR, ano).

[2] O vocábulo “roça” é tomado ao longo deste texto como uma ruralidade específica no âmbito das ruralidades contemporâneas, por ser defendida como termo ainda presente nos contextos linguísticos das pessoas de algumas regiões do Nordeste, principalmente das localidades rurais situadas no interior dos estados, com sentidos e significados produzidos pelos povos que habitam os espaços rurais em que a pesquisa foi desenvolvida.

[3] Esse termo está construído com base nas discussões que realizamos sobre os escritos de Heidegger a partir da primeira tradução para o português feita por Marcia Sá Cavalcante (HEIDEGGER, 2015), para pensar como as existencialidades do ente constitui o ser-na-roça, conforme o que vai se dando na vida dos sujeitos que habitam os territórios rurais instituídos nos modos de ser-viver-na-roça.

[4] Os nomes dos/as docentes narradores/as na pesquisa são fictícios, atendendo às orientações do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com Parecer Consubstanciado do CEP de nº 3.520.118.